

# Republica Velha – Sociedade e Cultura

História do Brasil - João Pedro R. dos Santos

O encantamento cultural do período – denominado Belle Epoque – baseava-se no uso e difusão das novidades tecnológicas, sobretudo nas grandes cidades brasileiras: o bonde, a ferrovia, o navio a vapor, a eletricidade, telégrafo, iluminação a gás e o cinema. Entretanto, este verniz modernizador não escondia a crueldade da sociedade brasileira contra negros, índios, camponeses, operários e pobres em geral.

O racismo se tornou um instrumento de controle e enquadramento dos setores não-brancos. Dois tipos de racismo dominaram o período: aquele praticado por médicos higienistas, que buscavam na miscigenação uma forma de diminuir o que consideravam debilidades africanas; e o darwinismo social, que defendia a idéia de sobrevivência do mais forte, o que significava encarar a pobreza e as epidemias (como a tuberculose do início do século no Rio) como formas de purificação da sociedade brasileira, elementos que a livrariam dos mais fracos.

Até mesmo o Direito se servia de padrões racistas para enfrentar a criminalidade, definindo uma tipologia de crimes potenciais derivados das raças. Assim, a burguesia brasileira encantava-se com as maravilhas tecnológicas e, ao mesmo tempo, aplicava uma legislação que simplesmente proibia as manifestações culturais negras tais como o batuque, o afoxé (candomblé) e a capoeira. Esta última rendia ao praticante pena de dois a seis meses, pois poderia provocar “tumulto ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta ou incutindo temor ou algum mal” (Artigo 402, Código Penal)

O racismo permaneceu também na Marinha. Embora proibida por lei, a punição com chibata era sistematicamente praticada, o que levou à revolta dos marinheiros negros em 1910, sob a liderança de João Cândido (O “Almirante

Negro”), filho de ex-escravos. A revolta da Chibata acabou após acordo assinado, mas traído em seguida, pois todos os revoltosos foram presos. A modernidade da Belle Epoque também mostrou seu lado conservador na remodelação das cidades:

A política racista da belle époque desdobrou-se ainda no espaço urbano. Após 1889, seja nas cidades centrais do sistema político, como Rio de Janeiro, da economia, como São Paulo e - devido à expansão da borracha - Manaus e Belém, ou então em localidades relativamente periféricas, como Fortaleza, foi dado início ao que ficou conhecido como a era do bota-abaixo. O espaço urbano colonial, fruto de uma experiência secular de adaptação da arquitetura portuguesa aos trópicos, cede agora lugar a projetos de reurbanização orientados pela abertura de largas avenidas e pela imitação de prédios europeus; decisão levada a cabo pelos poderes públicos e que implicava desalojar milhares de famílias pobres - a maior parte delas de negros e mulatos -, expulsando-as de áreas centrais, onde habitavam em cortiços, para locais de difícil edificação. Dessa maneira, a mesma cidade que se embelezava era também aquela que inventava a favela, termo que nasce na época - aliás, não por acaso, concomitante à expressão pivette.<sup>1</sup>

No Rio a Revolta da Vacina (1904) foi justamente uma desesperada reação popular contra a Reforma Urbana do

prefeito Pereira Passos. Nas ruas centrais do Rio, a população pobre e marginalizada (negros, nordestinos, imigrantes, desempregados) protestou contra as intervenções governamentais como os despejos, demolições, vistorias sanitárias e a vacinação obrigatória. O saldo humano foi de 23 mortos.

As grandes cidades presenciaram o surgimento de uma nova classe de humilhados e explorados: os operários industriais. Sem qualquer direito trabalhista, organizaram-se em sindicatos e jornais operários e exigiram a diminuição da jornada, a regulamentação do trabalho feminino, entre outras reivindicações. Diante da multiplicação de greves, o presidente Washington Luis rege com truculência e afirma: “a questão social é uma questão de polícia”

No campo era ainda mais evidente a preservação da tradição colonial e latifundiária. Ali também não faltaram protestos populares. Dois movimentos, ambos de caráter religioso e milenarista, tiveram destaque. Na Bahia, Canudos recebeu 25 mil camponeses que sob a liderança de Conselheiro, construíram uma nova sociedade no sertão. Canudos converteu-se em alternativa econômica e espiritual para o nordestino, além de centro comercial. Mas para a Igreja foi uma ameaça fanática; para a jovem república foi monarquista; e para os latifundiários foi desordeira. Após quatro expedições militares o movimento foi totalmente esmagado. Na fértil região serrana de Santa Catarina, onde também predominava a miséria e o latifúndio, surgiu o Contestado, o segundo movimento milenarista. Ambos representam uma reação à falta de terras, à exploração da mão-de-obra rural e ao controle político coronelista.

A insatisfação social atingiu os setores intermediários do Exército. De ideologia autoritária e superficial, o chamado tenentismo foi uma rebelião política e militar de oficiais inferiores do Exército, contra as oligarquias. Suas principais manifestações foram a Revolta do Forte (1922), a Coluna Prestes (1925) e a participação no Golpe de 1930.

“Em outras palavras, o sistema político da década de 1920 era um caldeirão prestes a entrar em ebulição. O que faltava era um estopim. Washington Luís o forneceu. Ao contrário do que era esperado para as eleições de 1930, o então presidente não indicou um mineiro para sucedê-lo, mas sim seu conterrâneo Júlio Prestes (...) Os mineiros conseguiram selar um acordo com segmentos políticos importantes do Rio Grande do Sul e da Paraíba, no sentido de lançarem um candidato próprio para a sucessão presidencial. Na costura da então denominada "Aliança Liberal", os gaúchos conseguiram consagrar seu candidato: Getúlio Vargas. Como seria de esperar, tendo em vista o quadro de fraude eleitoral, os aliancistas foram derrotados. Além disso, a maioria dos deputados federais eleitos, que fizeram parte da coligação oposicionista, não teve seus mandatos reconhecidos pelo congresso. Para complicar ainda mais a situação, João Pessoa, candidato a vice-presidente na chapa da Aliança Liberal, foi assassinado na Paraíba. Apoiadas em setores descontentes do exército, as oligarquias dissidentes dão início ao movimento pela deposição do presidente”.<sup>ii</sup>

---

<sup>i</sup> “Uma Belle Epoque não tão bela assim”, In Del Priore, Mary. O Livro de Ouro da História do Brasil, 2001, pág 272

<sup>ii</sup> Op cit, pagina 310.